

**Ado Cordeiro de Melo**



# **MEMÓRIAS DE UM VAQUEIRO**



## Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



### Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

### Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)  
Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

### Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) | Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)  
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) | Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)  
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)  
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) | Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)  
Diego Duquelsky (UBA) | Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)  
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) | Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)  
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) | Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)  
Germano Ramalho (UEPB) | Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)  
Glauber Salomão Leite (UEPB) | Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)  
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) | Vincenzo Carbone (UNINT/IT)  
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB) | Vincenzo Miliello (UNIPA/IT)

### Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*  
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*  
Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*  
Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*  
Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*  
Danielle Correia Gomes | *Divulgação*



Editora filiada a ABEU

### EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Ado Cordeiro de Melo**

MEMÓRIAS DE UM  
**VAQUEIRO**



Campina Grande-PB  
2020

## **Coleção Literatura Popular**

### **Conselho consultivo**

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB)

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (UFMG)

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB)

### **Conselho editorial**

Prof. Dr. Arnaldo Baptista Saraiva (Universidade do Porto-Pt)

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)

Profa. Dra. Marieta Prata de Lima Dias (UFMT)

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB)

Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura (IFPE)

Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva (UPE)

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15ª/368

---

M528m Melo, Ado Cordeiro de.

Memórias de um vaqueiro. [Livro Eletrônico]. / Ado Cordeiro de Melo.  
Campina Grande: EDUEPB, 2020.

7200 kb. 123 p.: il

Modo de acesso: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books>

**ISBN: 978-85-7879-508-5**

1. Literatura paraibana - Prosa 2. Literatura Popular. 3. Literatura brasileira - Memórias. 4. Prosa brasileira. I. Título.

21 ed. CDD B869.808098133

---

Copyright © **EDUEPB**

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

## COLEÇÃO LITERATURA POPULAR

Essa coleção, em formato digital, homenageia os quarenta anos de existência do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP. Pretende apresentar, ao público em geral, a descrição do que é Literatura Popular além das discussões mais significativas que envolvem o assunto, conceitos, gêneros e modalidades de expressão.

A Literatura Popular engloba um número vasto de expressões literárias, algumas vezes de autoria desconhecida e datando de épocas antigas da nossa língua, o que permite considerar sua tradicionalidade. A distinção do que é popular, nem sempre, é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. Entretanto, trata-se de uma literatura, de formas e gêneros diversos, feita pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, mas muito importante porque traduz seus valores e sua ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos por estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma.

Os gêneros literários populares são construídos em prosa ou verso e transitam por duas modalidades de língua: a **oralidade** de que fazem parte as cantigas de brincar, de ninar, de folguedos, (tradicional ou não) os aboios e toadas de vaquejada, os desafios e as cantorias de viola; os contos populares, as lendas e romances poético-musicais; e a **modalidade escrita**, em que é produzido o gênero cordel, geralmente por meio de um suporte chamado folheto.

Pesquisadores nacionais ou estrangeiros que estudaram essa literatura, em seu sentido amplo, ou que organizaram coletâneas de estudos sobre o assunto são convidados a nela publicarem. Como proposta inicial, apresentamos os livros seguintes que organizamos, com a colaboração de outros pesquisadores, durante o tempo em que estivemos coordenando o Programa de Pesquisa em Literatura

Popular- PPLP, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. São eles: 1- *Quem é o povo?*; 2- *Estudos em Literatura Popular I*; 3- *Estudos em Literatura Popular II*; 4- *Estudos sobre o Romanceiro*; 5- *A caipora e o fim do mundo*; 6- *Memórias de um vaqueiro*; 7- *O popular no discurso erudito de José Lins do Rego*.

**Memórias de um vaqueiro**, autobiografia do poeta popular paraibano Ado Cordeiro de Melo, escrita em versos de sete sílabas e que descreve a vida do Cariri paraibano e a luta pela sobrevivência. Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente. Sertanejo, natural dos Cariris Velhos, Cordeiro, como é afetuosamente chamado pelos parentes e amigos, bebeu na fonte dos grandes poetas populares paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Pinto do Monteiro, Manoel Camilo dos Santos, que aprendeu a ler através da tia Maria José Cordeiro, a grande contadora de histórias da família, a madrinha Lia A organização coube a:

**Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista**, coordenadora do PPLP no período de 2003 a 2018, concluiu doutorado em Semiótica e Linguística Geral na USP de São Paulo e Pós-doutorado em Paris pelo Institut Nationale des Langues Orientales - INALCO e pela Université Paris VIII - Saint Dennis. Graduou-se em Letras Neo-Latinas pela antiga FURNE, hoje UEPB. É Professor titular da UFPB, atuando no Programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Estudos Semióticos, onde desenvolve o projeto intitulado Semiótica das Culturas Populares: em busca do cosmopolitismo como bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orienta nas áreas de Semiótica das Culturas, Literatura Popular, Gêneros de Expressão Popular, sobretudo o Romanceiro, o Cancioneiro, o Conto e o Cordel.

**Joana Áurea Cordeiro Barbosa** - Doutora em Ciências da Educação - Formação de Professores pela Universidade de Coimbra - Portugal. Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2003). Graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Regional do Nordeste (1981); graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade Regional do Nordeste (1982). Atualmente é professora com dedicação exclusiva da Universidade Estadual da Paraíba. Áreas de Pesquisa: Formação de Professores / Aprendizagem Escolar.

**Francisco de Assis Cordeiro Barbosa.** - Doutorado em Medicina (Oftalmologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1992); Mestrado em Oftalmologia pela Universidade Federal de São Paulo (1988); Especialização pela UFPE e UNIFESP; Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (1977). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em OFTALMOLOGIA, atuando principalmente nos seguintes temas: prevenção da cegueira, ensino da oftalmologia, olho como aparelho dióptrico, próteses oculares, uveíte, retina e vítreo.

**Álvaro de Mesquita Batista.** - Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (1971); Curso de Habilidades Administrativas e Liderança, realizado na UFPB em 2003; Curso de Organização e Métodos – UFPB (1988); Elaboração e Gerência de Projetos – UFPB (1986); Diretor Técnico do Polo Empresarial Ginetta localizado em Igarassu-PE no período de 2003 a 2010; Presidente do Conselho de Administração do Polo Empresarial Ginetta no período de 2010 a 2013. Fala com desenvoltura duas línguas estrangeiras: Inglês e Italiano. Traduz Francês, Inglês e Italiano.

*Dedico esse livro  
A minha santa mulher, Zefinha  
Um presente de Deus na minha vida.*

## **Agradeço:**

*Àqueles que organizaram este trabalho:*

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

Álvaro de Mesquita Batista

Joana Áurea Cordeiro Barbosa

Francisco de Assis Cordeiro Barbosa

*Aos que fizeram os registros Musicais:*

Maria Alix Nóbrega Ferreira de Melo

Bernadete de Lourdes Cordeiro Barbosa

*E aos digitadores:*

Raquel Barbosa de Mesquita Batista

Lara Cordeiro de Melo

Áurea Maria Cordeiro de Melo

Dez a data festiva  
Nove a data do mês  
Vinte e sete é a do ano  
Data festiva outra vez  
Oitenta a quantidade  
Estou falando a verdade  
De anos que completei

**Cordeiro**  
10/09/2007

Soube a morte de Lelê  
Tenho direito a chorar  
Também sou daquela terra  
Gosto daquele lugar.  
Helena! Diga a meus parentes  
Aos mais próximos da gente  
Que um dia chego lá

**Cordeiro**



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO, 15

## MEMÓRIAS DE ADO, 25

- VICENTE E RITINHA, 26
- EU SOU FILHO DO SOBRINHO, 29
- A COMPRA DA MALHADA, 32
- MALHADA DA PANELA, 34
- A BURRA CUTIA, 36
- HORÁCIO E ÁUREA, 37
- MALHADINHA, 38
- MORADOR DA MALHADINHA, 44
- A TROPA DE BURRO, 46
- O SÃO JOÃO NA MALHADINHA, 50
- MINHA PRIMEIRA SELA, 54
- CORDEIRO E ZFINHA, 56
- AURIZABEL E O BODE QUE DIZIA SEU NOME, 61
- MINHA VIDA DE VAQUEIRO, 63
- TIO COSME TROVÃO, 66
- OS FILHOS DE TIO COSME, 67
- ALAÍDE E CAMÕES, 68
- ARLINDA, 71
- ADEMÁLIO, 72
- ADALBERTO, MEU IRMÃO, 73
- BERNADETE, 74
- GENÊS, 75
- DR. FERNANDO LIRA, 76
- BEIJA-FLOR, 78
- MAS O LIVRO NÃO CONTOU, 79
- À ESCRITORA DE TROVÃO, 82

## **TOADAS DE VAQUEJADA , 85**

Ô MUNDO VELHO ENGANOSO, 86

A TOADA DO CAVALO TAÚBIM, 88

A SECA NO CARIRI, 91

A CHUVA NO CARIRI, 94

A SAUDADE DO VAQUEIRO, 96

A TOADA DO CAVALO ABC, 101

A TOADA DOS DOIS IRMÃOS, 108

REFRÃO, 108

A FILHA DO FAZENDEIRO, 112

## **ANEXOS, 115**

## APRESENTAÇÃO

Nasce-se poeta, cresce-se como poeta, alimenta-se o poeta, mas não morre o poeta. Com essas palavras, ofereci a meu filho, também poeta, o primeiro livro de poesias de Carlos Drummond de Andrade que, com grande orgulho no coração, lhe comprei. E é com o mesmo sentimento de orgulho, de prazer e de honra que escrevo a apresentação desse livro, escrito, recitado e cantado pelo meu tio Ado Cordeiro de Melo.

Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente. Sertanejo, natural dos Cariris Velhos, Cordeiro, como é afetuosamente chamado pelos parentes e amigos, bebeu na fonte dos grandes poetas populares paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Pinto do Monteiro, Manoel Camilo dos Santos, que aprendeu a ler através da tia Maria José Cordeiro, a grande contadora de histórias da família, a madrinha Lia de seus versos, a quem ele *ia ajudar só para ela lhe contar de Roldão e Oliveiros*.<sup>1</sup>

É ele um descendente direto, pela leitura e formação, da escola de Teixeira que legou ao Brasil as mais belas composições populares que, ainda hoje, alegam a vida do nosso povo sofrido, acima de tudo “um povo forte”, utilizando-se a expressão de Graciliano Ramos<sup>2</sup>. *Carlos Magno e os dozes Pares de França* povoaram sua mente desde criança. Ele viveu a batalha de Ferrabrás com Oliveiros, cantou, como sua mãe, tias e irmãos os *Suspiros de um Sertanejo*. Aí buscaria inspiração para cantar o amor, o lar, o bem e o prazer de ser vaqueiro numa terra castigada pelas secas, mas que o viu nascer, crescer e que

---

1 O autor se refere aos cavaleiros do rei francês Carlos Magno, nos quais Leandro (s/d) foi buscar inspiração para escrever o folheto *Os 12 pares de França*.

2 *Os Sertões*

um dia o verá morrer *olhando para ela* (1947). Possuía o mesmo rasgo de amor que fez o grande Leandro produzir em homenagem ao sertão os seguintes versos:

*As tardes lá são tão belas  
e chamam tanta atenção  
que embrandecem de momento  
o mais duro coração  
não sabe contar do mundo  
quem nunca foi ao sertão*

*Quem nunca passou  
Pelo Seridó  
E no Piancó nunca viajou  
Não saboreou o mel do Abreu:  
Um desses nasceu em honra esquecida  
Passou pela vida porém não viveu<sup>3</sup>*

Como todo mundo do seu tempo, ia à feira e deparava-se nos bancos dos poetas populares que vendiam seus folhetos pendurados em cordinhas finas, daí o nome cordel atribuído a essas composições populares. Apesar da humildade da produção, não se pode pensar em literatura popular como coisa de somenos importância. Fazer cordel não é uma coisa simples. Requer um saber, um profundo conhecimento do povo, de seus anseios e de sua alma. Só faz quem vive. Quem vive uma vida e não a passa em brancas nuvens, mas despende para vivê-la um esforço heróico, sobre-humano. Assim foi a vida de Cordeiro. No labor de cada dia, com o suor de seu rosto, rosto de vaqueiro, acostumado a lidar com o gado e cultivar a terra,

---

3 Variante do folheto *Suspiros de um sertanejo* de Leandro Gomes de Barros; publicado por João Martins de Athayde em 1947. Esta versão foi cantada por Olíndina Cordeiro Cabral em maio de 1982 e coletada por Maria de Fátima B. de M. Batista.

ele criou e educou as seis filhas (Ruth, Rejane, Jacinta, Luzia, Áurea Izabel, Chiara) e os três filhos (Ronaldo, Severino e Luciano), junto com sua amada Zefinha, a quem considera um presente de Deus.

Quando criança aprendi, na escola, uma cançãozinha que assim dizia: “*Brasil, teu povo é grande, como é grande a tua terra*”. Parodio-a, agora, para dizer: “*meu tio, seu nome é grande, como é grande sua poesia*”. Importante, laboriosa, feita com alma. Você não a fez como mercadoria para a venda, mas a burilou para deleite nosso, de sua família, de seus amigos. Você imprimiu em cada letrelinha que escreveu nossas histórias, a história de nossos ancestrais que teria se perdido no tempo se não fosse o caloroso empenho com que a registrou. Por isso, lhe somos agradecidos. Este livrinho, certamente, não ficará na prateleira. Muitos vão querer compará-lo, porque você fez uma multidão de amigos com sua veia poética. Ninguém tinha vontade de sair de perto: tão gostoso e interessante era o *papo*. Você próprio o confirma na toada do cavalo Taubim.

*Tudo que eu queria eu tinha  
Amigos não me faltavam  
Um me dava um tira-gosto  
Bebida, um outro pagava  
Insistia pra sair, pra descansar ou dormir  
Mas ninguém não deixava<sup>4</sup>*

Como bom poeta popular, Ado foi cuidadoso em sua métrica e rima. Embora tenha escrito quadras e sextilhas, deu preferência às estrofes de sete versos (septilhas). Ele próprio é quem enuncia:

Os versos de Cosme Trovão<sup>5</sup>  
Falando que na Serrinha  
A mãe quis matar a filha  
Por nome Aderitinha

---

4 *A toada do cavalo Taúbim*

5 *Os filhos de tio Cosme*

Foi declamada em sextilha  
 Sou um membro da família  
*E mudei para sete linhas.*

Filho de Horácio Cordeiro de Melo e Áurea Duarte da Costa, nasceu na fazenda Castanho, município de Queimadas-PB, em dez de setembro de mil novecentos e trinta e sete. Estudou até o segundo grau, tendo-se formado em comércio e contabilidade, em Timbaúba-PE, mas nunca exerceu a profissão porque não quis deixar a vida de vaqueiro.

Horácio era um próspero fazendeiro da região dos

Cariris velhos na Paraíba, muito estimado pelos seus conterrâneos por ajudá-los a solucionar seus problemas. Ado refere-se a isto nos versos: “*Do povo da região, era o melhor conselheiro*”.<sup>6</sup>

Áurea, tendo falecido aos oitenta e cinco anos, teve a honra de ser “tataravó” por duas vezes. Era tradição na família, quando o fato ocorria, haver uma cerimônia, geralmente no dia do batizado da criança, e o/(a) tetravô/(ó), oficialmente, pedir ao neto para embalar o tataraneto com as expressões: “meu neto, dá cá teu neto”. Em anexo, trazemos a foto onde ela pede a seu primeiro neto, José Vital (filho de Adalberto e Idalice), para embalar o netinho deste.

A microrregião paraibana dos Cariris Velhos, desde 1980 chamada Cariri Oriental, é a mais extensa da Paraíba, ocupando uma área de 13.845 Km<sup>2</sup>. É também a mais seca de todo o Estado e uma das mais áridas do país, fazendo parte da faixa dos sertões hiperxerófitos do Nordeste Oriental. Apresenta densidade demográfica baixa em relação às outras regiões: aproximadamente noventa e três mil habitantes que moram, em sua maioria, na zona rural..

Antigamente, era habitado pelos índios Cariris (daí a origem do nome) considerados, até bem pouco tempo, como pertencentes ao grupo dos Tapuias Janduís, quando, na realidade, faziam parte,

---

6 *Horácio e Áurea*

juntamente com os Tupis, da grande família dos Brasília, parentesco este revelado na língua, usos e costumes<sup>7</sup>. O município de Boqueirão foi apontado pelo Pe. Nantes<sup>8</sup> como a mais antiga aldeia de índios Cariris de que tem conhecimentos.

O pastoreio, atividade responsável pela sua colonização, constitui, ainda hoje, a atividade econômica típica da região, ocupando dois terços de sua área. A agricultura, realizada sobremodo nas várzeas e baixios mais úmidos, volta-se especificamente para o algodão e a cultura de subsistência.

O livro menciona moradores dos municípios de Cabaceiras, Boqueirão, Barra de Santana e Caturité. Esse dois últimos foram resultantes do desmembramento de Boqueirão ocorrido em 1994.

Embora, atualmente, moradoras do Cariri, as famílias mencionadas neste livro (Pereira, Melo, Cordeiro, Duarte e Costa), são provenientes da Zona da Mata Norte de Pernambuco (Goiana, Cruangi). Vicente Pereira recordava e passava para seus filhos e netos que a madeira da igreja de Cruangi, de cuja construção o pai dele (que era marceneiro) participou, foi extraída de um único pé de cedro. Afirmava também que, além do trabalho no campo, o pai dava aulas particulares, sem remuneração, a crianças em fase escolar. Ainda sobre os Pereiras, Vicente lembrava parentes e amigos de Goiana, um deles tocador da banda municipal que era seu compadre, o padrinho da segunda filha de Vicente e Ritinha que se chamava Sinphorosa. Esta afirmava ter aprendido com o padrinho a cantar o romance oral o *Conde Carlos*<sup>9</sup> quando tinha apenas treze

---

7 BORGES, José Elias Barbosa. Súmula histórica dos índios Cariris Fagundes de Campina Grande in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, n° 39, setembro de 2007: p. 34-44.

8 Relação sucinta sobre os índios Cariris. Ed. fac-similar, notas de Frederick Edelwiss, Salvador: Tipografia Baiana

9 Variante do romance popular ibérico o *Conde Alarcos*. Pidal, Menéndez. Estudios sobre el romancero. Madrid: Editorial Gredos.

anos. O padrinho havia ido ao cariri paraibano a fim de tratar-se de doença respiratória.

Não temos dados escritos para confirmar a veracidade das afirmações. No entanto, buscamos em Pereira da Costa<sup>10</sup>, autor do *Folclore Pernambucano*, o maior levantamento da tradição oral feito no Nordeste do Brasil que foi realizado, sobretudo na região de Goiana, no início do século XX e pudemos estabelecer algumas aproximações que ajudam comprovar os fatos narrados. Uma delas consiste na versão do *Conde Alarcos* que Pereira da Costa traz com o nome de *A Bela Infanta* e Sinphorosa chamou *Conde Carro*. Comparem-se versos das duas variantes:

- Condessa, bote a mesa *carta* de fome eu traria.
- A mesa já *vive* pronta para vossa senhoria (Sinphorosa, 1987 apud Batista, 1999:798)
- Senhora, botai a mesa, *casta* de fome eu traria
- A mesa sempre está pronta para a vossa senhoria (Costa, 1974: 360 - 363)

O uso do lexema *casta* fez o autor pernambucano questionar em nota de rodapé e colocá-lo em itálico. A mesma estranheza sentiu a informante paraibana que, por desconhecer o significado de *casta*, substituiu-o por *carta*. Muitas outras comparações poderiam ser feitas entre o *Folclore Pernambucano* e os textos do romanceiro e do cancionero popular que levantamos no Cariri Paraibano, o que se justifica pela aproximação geográfica entre os dois Estados, ou talvez por uma possível origem comum entre os Pereiras, apontados neste livro e a família do foclorista.

O fato é que a tradição oral de cantigas e romances é largamente conhecida e difundida entre os membros da família. Como exemplo, damos aqui textos que Ado sabia de cor e neles se inspirou para fazer suas belíssimas toadas de vaquejadas, autênticos romances

---

10 2ª ed. coordenação de Mário Hélio, introdução de Luis da Câmara Cascudo  
Recife: CEPE, 2004

do ciclo do gado, utilizando-se a expressão de Theo Brandão<sup>11</sup>. Os exemplos abaixo são esclarecedores:

### O BOI SAIA BRANCA<sup>12</sup>

A ponta dele é esparsa  
Na madeira ele fumaça  
Saia branca é boi de raça  
De um gado brabo e teimoso

É filho de Jatobá  
A mãe dele nasceu lá  
Morreu não foi no curral  
E acabou-se em mundo novo

### A VACA AVOADORA

– Ô avoadora, que tens  
Que leva a vida em pensar?  
– Eu vivo impressionada  
Pelos vaqueiros cercada  
Sei que agora sou pegada  
E não tem jeito pra dar.  
Seu Nilo que era meu dono  
Este me deu abandono  
Eu vou dormir o meu sono  
Na terra do Cipóa

---

11 BRANDÃO, Théo. Romances do ciclo do gado em Alagoas. In *Congresso Brasileiro de Folclore*, Anais. Rio de Janeiro: Publicação do Ministério das Relações Exteriores, 1952-1953.

12 Ver Pereira da Costa Boi Espaço, in op.cit.: p.424 e BATISTA, Maria de Fátima B. de M. Romanceiro no Brasil: Paraíba e Pernambuco. Inédito (no prelo).

**SAUDADES DO VAQUEIRO<sup>13</sup>**

Vou embora dessa terra  
Segunda – Feira que vem  
Quem não me conhece, chora  
Quem dira quem me quer bem

Minha, mãe quando eu morrer  
Não quero choro, nem nada  
Quero uma fita amarela  
Escrita com letra encarnada  
Saudade de Vaquejada

Minha mãe, quando eu morrer  
Não quero pranto, nem choro  
Quero em cima do caixão  
Meu gibão e meu chapéu de couro.

Na segunda metade do Séclo XIX, alguns membros das famílias mencionadas, unidas entre si pelos laços do matrimônio, migraram para o Cariri paraibano. Por volta de 1908, Vicente e Ritinha fixaram-se na fazenda Malhada da Panela (naquela época município de Cabaceiras, depois de Boqueirão e hoje de Caturité). A Malhadinha (no município de Barra de Santana) foi propriedade de Horácio cujos filhos estenderam-se em outras fazendas distribuídas nas áreas circunvizinhas até Queimadas, pequena cidade situada a dezoito quilômetros de Campina Grande.

Os Pereiras de Melo foram depois apelidados de Trovão, que são atores nestas memórias, inclusive é ressaltada uma escritora

---

13 BATISTA, Maria de Fátima B. de M. Romanceiro no Brasil: Paraíba e Pernambuco. Inédito (no prelo).

— Maria Alice — a quem Ado responde com dois poemas: *Mas o livro não contou* e *À escritora de Trovão* (cf p.75 e 78).

A necessidade de escolas e universidades motivou o estabelecimento dos membros mais jovens em centros mais adiantados como: Campina Grande, João Pessoa, Recife, embora as raízes continuem no Cariri com a permanência dos avós nesta área.

***Maria de Fátima Barbosa de M. Batista***  
UFPB/CNPq/PPGL/PPLP



# MEMÓRIAS DE ADO

**VICENTE E RITINHA**

Queria saber a história  
De Vicente meu avô  
De onde foi que ele veio  
E quando foi que chegou  
Aonde era que morava  
E em que trabalhava  
Que só sei com quem casou

Foi com Rita Modesta  
Filha de Inácio Trovão  
Neta de Joca da Salina  
Conhecido valentão  
Era homem consagrado  
Conhecido e respeitado  
Do agreste ao sertão

Horácio era meu pai  
Com Áurea era casado  
Fazia tudo na hora  
Nunca chegava atrasado  
Direito sempre foi  
Nasceu em noventa dois  
Do século próximo passado

Gostava de movimento  
De vender terra e comprar  
Seus negócios eram direito  
Para ninguém reclamar  
Pagava sempre em dia  
Isso o mundo sabia  
Não tinha o que duvidar

Antonio Trovão não gostava  
Do marido de Ritinha  
Porque Inácio o seu pai  
Grande amizade lhe tinha  
Por isso era despeitado  
E falava do cunhado  
Em toda casa vizinha

Mais o filho de Vicente  
Achava o pai um tesouro  
Vê-lo sendo maltratado  
Achou ser um desaforo  
Passou a falar do tio  
Lhe chamando de vadio  
Faltando até com decoro.

Vicente tinha um parente  
se tratavam como irmão  
lá perto de Cruangi  
no engenho Julião  
para o fuxico acalmar  
levou Horácio pra lá  
e botou num barracão

Ritinha foi visitar  
O filho no Julião  
Mas no dia de voltar  
foi grande a aflição  
Um chorava outro chorava  
o jeito Vicente dava:  
o menino não fica não.

Viajar antigamente  
Não era brinquedo não  
Sair de Lagoa dos Marcos  
Para o engenho Julião  
Grande viagem era aquela  
Homem a cavalo de sela  
As mulheres de silhão

Mãe Ritinha adoeceu  
Nessa viagem que fez  
Dizem até que abortou  
Tava grávida de um mês  
Mas o filho não deixou  
E Horácio retornou  
A seu convívio outra vez

Chegou lá em Aroeira  
Nos ouvidos do Trovão  
O retorno de Horacio  
Foi grande a revolução.  
O homem disse agora  
Eu pego o sobrinho lá fora  
E resolvo toda questão

**EU SOU FILHO DO SOBRINHO**

Eu sou filho do sobrinho  
Que um tio sem coração  
Do alto de uma calçada  
Com as esporas na mão  
Em cima dele pulou  
E com as mesmas o furou  
Numa total traição

Os arranhões que as esporas  
Fizeram logo sarou  
Mas a tristeza dos fatos  
Essa jamais acabou  
Ficou pra mim de herança  
Nunca saiu da lembrança  
Hoje ainda sinto dor

Não tenho em quem me vingar  
Isso também não pretendo  
Fico aqui no meu lugar  
Se vier, eu me defendo  
Sou do lado do meu pai  
Menino homem demais  
Quem for vivo está sabendo

Horácio botou uma vergonça<sup>14</sup>  
De pinhão para murchar  
Mas com bastante cuidado  
Pra o fogo não queimar

---

14 Ramo de plantas de certo porte (Vergõntea)

Ficar só macia e boa  
Pra numa pancada á toa  
Algum osso não quebrar

João portador gostava muito  
De Vicentinho e de Ritinha  
Morava ali muito perto  
A fazenda era vizinha  
Ele falou: isso eu faço  
Estão bulindo com Horácio  
A briga também é minha

João não trabalhava a Vicente  
Fazia alguma besteira  
Uma semana, outra não  
Levava para Aroeira  
O burro com a cangalha<sup>15</sup>  
Isso aí era sua falha  
Trazia as compras da feira

João procurou Horácio  
Em lugar nenhum encontrava  
Ritinha muito nervosa  
De chorar não se cansava  
João de rumo mudou  
Aí Horácio encontrou  
Lá perto da cachimbada

João portador não se meta  
Que o assunto aqui é meu  
Mas se quer me ajudar

---

15 Armação que se coloca no dorso dos burros para sustentar a carga dos dois lados

O capanga já é seu  
Lhe desejo boa sorte  
No irmão de mãe não toque  
Aquele Trovão é meu

E pegou mesmo o tio  
Com a tora de pinhão  
Bateu de cansar o braço  
Com muita satisfação  
E a outra trovoadas  
Não levou a sério nada  
Antônio não tinha razão

Antônio Trovão só andava  
Com um capanga de lado  
Foi aí que o portador  
Deu conta do seu recado  
Arregaçou sua manga  
Meteu o pau no capanga  
E deixou ele estirado

Só Cosme estava emproado  
Porque do Amazonas chegou  
Disse que pegava Horácio  
Mas isso não confirmou  
Foi conversa de vizinho  
Pois ele ficou quietinho  
Só com um tiro que levou

**A COMPRA DA MALHADA**

Pai Vicente aperreado  
Por causa de Antônio Trovão  
Pegou família e os móveis  
O gado e a criação  
Não deixou para trás nada  
Botou tudo na estrada  
E saiu sem direção

Pra um descanso de cigano  
No mineiro ele parou  
Conversando com alguém  
A pessoa lhe falou  
A Malhada está à venda  
É essa última fazenda  
Por onde você passou

E na Malhada da Panela  
Fez negócio o meu avô  
O preço lhe foi pedido  
Discutiu e concordou  
Voltou por cima da trilha  
Foi lá que sua família  
Com muita honra criou

Mãe Ritinha era doente  
Morava lá na Malhada  
Arrodeada de filhos  
Não deixavam faltar nada  
Ao médico sempre ela ia  
E o mesmo não descobria  
A doença era enrascada

Da malhada da panela  
Sempre vivo a me lembrar  
Dos meus avós, tios e primos  
Também gosto do lugar  
O tempo velho passou  
A panela se quebrou  
Mas a malhada está lá

Ainda até que parece  
Com aquelas casas que tinham  
De Josa Brito e Adauta  
Tá faltando a de Ritinha  
Onde Olindina morava  
Tio Toribo trabalhava  
Fazendo as peneirinhas

**MALHADA DA PANELA**

Em uma casa de arrasto<sup>16</sup>  
Pois assim era chamada  
Feita de barro e madeira  
Tinha varanda e calçada  
Foi aonde o meu avô  
Com muita honra deixou  
Sua família criada

A Malhada da Panela  
A terra dos meus parentes  
De meus pais, avós e tios  
Hoje é muito diferente  
Do tempo de mãe Ritinha  
Madrinha Olindina e Melinha  
Tio Toribo e Pai Vicente

No lugar da casa velha  
Hoje é palma e marmeleiro  
Não existe mais curral  
Não tem sinal de chiqueiro  
Só tem uma lagoazinha  
Que foi feita por Melinha  
De tanto varrer terreiro

Quando chovia no tanque  
Fazia água primeiro  
Madrinha Lia ia lavar  
Roupa, fronha e travesseiros

---

16 Modelo da cobertura da casa com duas águas

Eu ia para ajudar  
Só pra ela me contar  
De Roldão e Oliveiros

E cadê a Baraúna  
Onde eu via meu avô  
Todo dia de manhã  
Ir ali fazer cocô?  
Eu chamei-o de malvado  
Segundo fui informado  
Que Vivi a derrubou

**A BURRA CUTIA**

Cutia o nome de uma burra  
Que tinha na Malhada  
Sabia o dia da feira  
E logo de madrugada  
Ela se escondia  
O chocalho não batia  
Por ninguém era encontrada

A burra já estava velha  
Também era descansada  
Fora a viagem da feira  
Ela não fazia nada  
Mesmo assim se escondia  
No domingo ninguém a via  
De burra não tinha nada

Feira pra três a quatro casas  
Deve ser bem pesada  
E tinha o portador  
No meio também montava  
Começou a se esconder  
Eu continuo a dizer  
De burra não tinha nada

Nos outros dias da semana  
Cutia aparecia  
Porque a ração de milho  
Muito ou pouco comia  
Porém ela achava,  
Que aquilo não compensava  
Por isso se escondia

**HORÁCIO E ÁUREA**

Em abril do ano quatorze  
Um casamento se fez  
Lá no sítio Orodongo  
No dia vinte do mês  
Horacio com vinte e dois anos  
E Áurea com dezesseis

Minha mãe, Áurea Duarte  
Meu pai Horácio Cordeiro  
Dos filhos do meu avô  
Ele quem nasceu primeiro  
Por dar boa opinião  
Do povo da região  
Era o melhor conselheiro

Papai homem respeitado  
Mamãe mulher verdadeira  
Morei com outras pessoas  
Eu achava de primeira  
Eram boas de verdade  
João Gomes de Andrade  
E Luzia Severo Oliveira

A família Cordeiro de Melo  
E a Duarte da Costa  
Dá certo em toda mistura  
Eu faço até uma aposta  
Toda vida foi assim  
Nunca tirou ninguém ruim  
Por isso é que o povo gosta

**MALHADINHA**

A pedido de Joana  
Vou ver se lembro o passado  
Vivido na Malhadinha  
Naquele tempo atrasado  
Para mim foi bem vivido  
Existia até partido  
De azul e encarnado

A malhadinha que falo  
É perto do barracão  
Lá eu passei alguns anos  
Com meus pais e meus irmãos  
Na margem de uma estrada  
Que de um lado é Queimadas  
E de outro é Boqueirão

No ano de trinta e seis  
Papai comprou Malhadinha  
E fomos pra lá morar  
Grande movimento tinha  
Algodão ele comprava  
Também beneficiava  
O maquinário ele tinha

A lá ia pra Campina  
Nas costas de animais  
Fardos com setenta quilos  
Com oitenta ou até mais  
Vendia á Zé de Brito  
Aonde era bem quisto  
Zé Aranha e outros mais

Organizou uma feira  
Que todos dali gostavam  
Os que moravam mais perto  
E os que longe moravam  
Fazia seu movimento  
Com cabra, ovelha e jumento  
Uns vendia outros compravam

Tinha festa de Natal  
Com parque de diversão  
Tinha barraca de prenda  
Trazidos de caminhão  
Era coisa sem igual  
Pela ceia de natal  
E também pelo São João

Pra lá vinha pastoril  
Tinha pastora e palhaço  
Contra mestra do azul  
Com grande desembaraço  
Todo homem admirava  
Mais ela só namorava  
Escondida de Horácio

Ele não admitia  
Namoro pela calçada  
Apesar daquele grupo  
Tinha até mulher casada  
Tinha preta, tinha loura  
Mais por serem pastoras  
Os homens não respeitavam

Áurea foi ao pastoril  
Falou a alguém do seu lado  
Você vai me ajudar  
Não se faça de rogado  
Pra baixar cordão azul  
Eu dou dinheiro a tu  
Pra subir o encarnado

Chegou ali de mansinho  
Sem o povo lhe notar  
E disse esta de azul  
Dou dez para não dançar  
Hoje a noite aqui é minha  
Vá ficando aí quietinha  
Não tente me atrapalhar

A contra mestra de azul  
Não tendo roupa encarnada  
Proibida de dançar  
Teve que ficar parada  
Obrigada pelo dinheiro  
Foi segurar candeeiro  
Mas sendo ajoelhada

Horácio quando chegou  
Foi falando do terreiro  
Áurea, aonde você  
Arranjou tanto dinheiro  
Pra no pastoril gastar  
Já que sua porca está  
Ainda lá no chiqueiro

Eu não tomei emprestado  
Nem vendi a porca preta  
Peguei aqui mesmo em casa  
Nem precisou de maleta  
Foi curta minha viagem  
Se lembre que tenho a chave  
Que abre sua gaveta

Emprestava algum dinheiro  
Chamado algodão na folha  
No começo do inverno  
Mas fazia sua escolha  
Nas pessoas que tomava  
Porque às vezes enganava  
E ele tomava a rolha

Papai conseguiu uma escola  
Com alguém lá em Campina  
Para ensinar adolescentes  
Os meninos e as meninas  
A professora era solteira  
Já idosa e verdadeira  
O seu nome era Porcina

Todos os meses eu a levava  
Em Queimadas com prazer  
Porque o seu ordenado  
Precisava receber  
A viagem me irritava  
Devagar ela andava  
Não gostava de correr

Montava em silhão  
Seu cavalo era melado  
Que hoje chamam de baio  
E não era bem tratado  
Se fosse andar ligeiro  
Era grande o desespero  
Ele ficava cansado

Sair da malhadinha  
Para chegar em Queimadas  
Era quase quatro léguas  
A viagem era puxada  
E com bastante atenção  
Com cuidado pra não  
Anoitecer na estrada

Construiu outra igreja  
Pois a que tinha caiu  
As paredes sem reboco  
Ao tempo não resistiu  
Só aproveitou a madeira  
Porque era aroeira  
O cupim não consumiu

Adquiriu uma imagem  
Maior do senhor São João  
Colocou porta mais larga  
Parecida um portão  
Eu lembro quando menino  
Também colocou um sino  
Pra chamar os cristãos

A armação de Alaíde  
Com Adalberto, o irmão  
Para ele ir buscar Zeca  
Tocador da região  
Sabia que ele vinha  
Pra tocar na Malhadinha  
Ninguém dizia que não

A viagem era só  
Meia hora de galope  
Eu achava bom demais  
Corria num único trote  
Zeca ouvia o recado  
Botava o fole de lado  
E a gente voltava num bote

Adalberto falava: “Zeca  
Tu vai ficando avisado  
Pula a cerca em Seu João Carlos  
Vai por dentro do roçado  
Para papai não notar  
E assim tu vai chegar  
Lá pelo outro lado”

Papai o fole pegava  
Começava a solfejar  
Logo logo desistia  
Dava a Zeca pra tocar  
Alaíde aparecia  
E as outras lhe seguia  
Começavam a dançar

**MORADOR DA MALHADINHA**

Morador da Malhadinha  
Quase todos apelidados  
Nome que papai botava  
Eles achavam engraçado  
Chamando, todos atendiam  
O apelido repercutia  
E ninguém ficava zangado

Augusto castanha chocha  
Do maquinário cuidava  
Funcionava o motor  
Trocava óleo e limpava  
Era coisa da indústria  
Tirava de lá uma bucha  
E os discos também trocava

O mecânico Manuel Caetano  
Tinha uma grande altivez  
Visitava o maquinário  
Quase sempre todo mês  
Ele era muito capaz  
Um compadre de meus pais  
Era o pai de Marines

Tinha Augusto enjeitado  
Um portador bem capaz  
De inteira confiança  
Para as compras dos meus pais  
Comprava toda besteira  
Até minha balieira  
Que eu gostava demais

Ainda tinha outro Augusto  
O filho de dona Julia  
Se contado direitinho  
Dá quase uma patrulha  
Manuel Olhinho, João Bumbão  
Zé Carvoeiro, o outro irmão  
E três moças na agulha

Manuel e Zé Grande  
Eram filhos de Sá Joana  
Severino e Severina  
A cozinheira de fama  
Quando mamãe precisava  
Ela sempre a chamava  
Todo dia da semana

Zé Pequeno também era  
Quem tirava leite das vacas  
E ajudava no queijo  
Batia sempre a nata  
Aparava a manteiga  
Sua mãe era cor negra  
E também muito sensata

José Senhorinha tinha  
Duas filhas meretriz  
Tinha mais três filhos homem  
Manoel, Abílio e Luís  
E a sobrinha Severina  
Moçota quase menina  
Se amigou com seu Assis

**A TROPA DE BURRO**

Tinha uma tropa de burros  
Papai lá na Malhadinha  
Prá transportar algodão  
Dos vizinhos e das vizinhas  
Quando eles apanhavam  
Em casa mesmo saldavam  
Aquele dividazinha

Na sexta feira a tarde  
Iam transportar a lã  
Para chegar em Campina  
No sábado de manhã  
Depois que a lã entregava  
As compras da venda pegava  
Sem ladeira tudo chá

O itinerário da viagem  
Passava no formigueiro  
Na fazenda das Campinas  
E para chegar primeiro  
Guritiba e Maracajá  
Nas cacimbas sem parar  
Iam dormir no Ligeiro

Os burros que eram da sela  
Capoeiro e princesa  
Os que pegavam cangalha  
O nome de uma nobreza  
Outra muito parecida  
Grande e desenvolvida  
Era chamada Veneza

Tinha um burro preto e feio  
Com o nome de lobisomem  
Tinha um outro manhoso  
Eu não recordo o nome  
Uma burra era beleza  
E outra era firmeza  
Tropa de burro de homem

O tropeiro seu João Bezerra  
Era gago, o seu Joãozinho  
Famoso por não deixar  
Nunca carga no caminho  
Quando ninguém ajudava  
Um jeitinho ele dava  
E carregava sozinho

Na conversa e movimento  
Tropeiro os burros levava  
Os mesmos ficavam parados  
No lugar que ele deixava  
Podia até demorar  
Só saía do lugar  
Quando o tropeiro mandava

A palavra era *ai*  
Para o burro parar  
Outra palavra era *vamos*  
Para o burro caminhar  
E a do milho ir comer  
Não precisava dizer  
Era o bornal balançar

Dois fardos com o mesmo peso  
Para a carga não pender  
O tropeiro pra seus burros  
Ele mesmo ia fazer  
Porque se saísse errado  
Era ele o culpado  
Não tinha o que dizer

Burro não usava cabresto  
Só porque não precisava  
Dizia vamos, eles iam  
Dizia *aí*, eles paravam  
Tropeiro pegava no queixo  
Só era chiar o beicho  
Saía andando, ele andava

A rapidez da viagem  
Era da burra de frente  
Ela andava enfeitada  
De chocalho e de corrente  
Pendurando na cangalha  
Não andava de sandália  
Só porque não era gente

Chamava burra de frente  
Porque na frente ela andava  
Fazia toda manobra  
E os outros acompanhavam  
Entrava em caminho vazio  
O tropeiro da um psiu  
Logo, logo ela voltava

Nozinho Lacerda e outros  
Faziam evolução  
Depois dos burros carregados  
O relho sempre na mão  
Por sinal eles andavam  
Pelo pátio passeavam  
Era uma diversão

Caracol eles faziam  
Livrando os pardos no pátio  
E voltavam desmanchando  
Pisando em cima do rastro  
Seguia pelo caminho  
Sem o tropeiro, sozinhos  
Nem olhavam para o pasto

Um dia encontrei seu Joãozinho  
Parado numa estrada  
Esse tal burro manhoso  
A carga estava virada  
O tropeiro estava só  
Disse: não vem que é pior  
Aqui só vai na atada

Aí o burro encostou  
O pescoço numa estaca  
Como se faz com bezerro  
Pra tirar leite da vaca  
O manhoso se agüentou  
E a carga ele botou  
Sozinho como a macaca

**O SÃO JOÃO NA MALHADINHA**

O São João na Malhadinha  
Só era de gente boa  
Muitos vinham de Campina  
Das fazenda e João Pessoa  
Nem deputado, nem prefeito  
Era só gente direito  
Não tinha ninguém à toa

De Campina ia a família  
Do Dr. Obidedon  
Um amigo do meu pai  
E dentista muito bom  
Tinha uma filha Salete  
Mariinha ou Bernadete  
Família Licarion

Que vinham de João Pessoa  
Zé Batista e Izolina  
Também vinha com eles  
Seus meninos e as meninas  
Seguiam a mesma trilha  
Eram da mesma família  
Se encontravam em Campina

Chegando na Malhadinha  
Tava formado o enredo  
Era um povo esperto  
Se levantava bem cedo  
Tinha a mesma opinião  
Chegava pelo São João  
Até depois do São Pedro

Alaíde e Salete  
As prezapadas faziam  
Porém papai reclamava  
Quando daquilo sabia  
Virava o rosto pra um lado  
No fundo, achava engraçado  
Era o que elas queriam

Papai fazia questão  
Das visitas acordar cedo  
Mandava soltar foguetões  
Com tiro de fazer medo  
Com a lenha alimentava  
E a fogueira queimava  
Do São João até São Pedro

Dava enchente no rio  
Que o bebedouro carregava  
As mulheres vestiam maiô  
E dentro do rio pulava  
A água era barrenta  
Mesmo que fosse nojenta  
Elas não se importavam

Por causa da água no rio  
E as moças de maiô  
Idalice com Adalberto  
O casamento acabou  
Dizem que chifre não pesa  
Não sei se foi pouca reza  
Dessa vez, esse pesou

Mamãe soube da história  
Que o noivado acabou  
Foi falar com a sobrinha  
E o filho concordou  
Não tinha nada escrito  
Ficou dito por não dito  
E o noivado renovou

O São João na Malhadinha  
Era muito animado  
Tinha baile dos senhores  
E também dos empregados  
Era grande a folia  
Da meia noite pra o dia  
Tava tudo misturado

O baile dos empregados  
Rodoval que inventou  
E foi falar com o meu pai  
Ele também concordou  
Pois tinha sala demais  
Sobrava moça e rapaz  
Só faltava tocador

No baile das patroinhas  
Empregado lá não ia  
Não era recomendado  
Ele mesmo quem queria  
Mas patrão não sei por quê  
Antes do amanhecer  
O outro baile invadia

Os bailes daquele tempo  
Só era com música ao vivo  
Um violão mal tocado  
Era bastante preciso  
Os dançadores gostavam  
Porque barato pagavam  
Eram quase todos lisos

Zeca Valdivino tocava  
Não perguntava pra quem  
Adalberto seu amigo  
Lhe dava alguns vinténs  
Mais quando papai chegava  
Ai Zeca se animava  
O dinheiro agora vem

**MINHA PRIMEIRA SELA**

Eu queria tá agora  
Onde está meu pensamento  
Com a sela num cavalo  
Ou a cangalha num jumento  
Botando palma pra vaca  
Picotando com a faca  
Sempre é esse meu intento

Ou então ensebando  
Marra velha de chocalho  
Pra quando for retirar  
Diminuir o trabalho  
Quem faz assim sempre ganha  
Tirar ferrugem da aranha<sup>17</sup>  
Pra não perder o badalo

Criei-me montando a cavalo  
Esse foi o meu destino  
A minha primeira sela  
Ganhei quando menino  
Chamada de roladeira  
Uma obra de primeira  
Feita por um Laurentino

---

17 Designação comum a diversos objetos cuja forma lembra a da aranha. No caso específico, peça do chocalho.

Senhor Totonho fez a selinha  
Pra Adalberto meu irmão  
Ele era um Laurentino  
Que morava em Conceição  
Estragou , veio a reforma  
Seguindo as mesmas normas  
Foi feita por seu João

A sela chegou novinha  
Isso quase me espanta  
Também veio com ela  
Um freio novo e uma manta  
Eu fiquei muito contente  
Ver aquilo de repente  
Me deu um nó na garganta

Daquele dia em diante  
Só quem pegava era eu  
Naquela jóia raríssima  
O meu pai foi quem me deu  
Arranjei um tamborete  
Tirei lá do cavalete<sup>18</sup>  
O morador dela esqueceu

---

18 Trave em que os vaqueiros penduram selas e outros arreios.

**CORDEIRO E ZFINHA**

Casei-me em cinqüenta e dois  
Casado ainda estou  
Minha mulher é Zefinha  
Acho que foi Deus quem mandou  
Dos filhos que ela me deu  
Com dois meses uma morreu  
Porém nove se criou

Ainda em cinqüenta e dois  
Comecei por uma trilha  
Fiz limpeza numa casa  
comprei móveis e vasilhas  
não era nada de luxo  
a mulher cresceu o bucho  
nasceu a primeira filha.

Também nesse mesmo ano  
Seguindo uma boa trilha  
a dezoito de novembro  
nasceu a primeira filha  
botei o nome de Ruth  
que todos a ela escute  
a bem de toda família

Rejane é a filha número dois  
Pra certa não falta nada  
É do ano cinqüenta e quatro  
Pra dentista é formada  
Sincera não tem segredo  
Nasceu em noite de São Pedro  
A uma da madrugada

O número três não esqueço  
Pra quem eu tiro o chapéu  
Foi uma criança linda  
mais doce que o puro mel  
Ainda pequeninha  
Talvez até por culpa minha  
Deus a levou para o céu

Em quarto lugar veio Jacinta  
Em bioquímica é formada  
Era e é estudiosa  
Pois nunca foi reprovada  
Boa amizade e muitos fãs  
A mais morena das irmãs  
Mas tem a pele sentada

Agora passo para os homens  
Ronaldo é o primeiro  
Engenheiro construtor  
Também é bom cavaleiro  
Às vezes leva uma queda  
paga com a mesma moeda  
Mas é um grande vaqueiro

Severino era afamado  
Em pegar boi e derrubar  
Hoje tem laboratório  
Para sangue examinar  
O hospital perto de casa  
A viagem não atrasa  
Ivania vai ajudar

Luciano é formado  
Não gosta da profissão  
Vive transportando gado  
Em cima de um caminhão  
Veja a coisa como é  
Tem três filhos com a mulher  
Não mora com ela não.

Minha oitava filha  
tem o nome de Luzia  
mora em Alagoinha  
cidade lá da Bahia  
todo elogio lhe cabe  
parece que ela sabe  
tudo em odontologia

A nona é Aurizabel  
Fez oftalmologia  
Tem consultório em Natal  
Trabalha todos os dias  
Operando e tratando  
Os clientes sempre gostando  
Vê-la com tanta alegria

A décima agora encerra  
Com a caçula Kiara  
Formada em odontologia  
Em Campina se prepara  
Tem consultório em Santa Cruz  
Com muita fé em Jesus  
E é bem remunerada

A minha primeira neta  
Tem nome de Juliana  
Me deu o primeiro bisneto  
Eu acho muito bacana  
Com o marido não deu certo  
Achou ele meio esperto  
Botou pra plantar banana

Duas irmãs formadas  
Exercem a mesma profissão  
São cirurgiãs dentista  
Têm a mesma opinião  
São Rejane e Luzia  
As duas quase nasciam  
Viajando em caminhão

Tem vaqueiro de verdade  
Tem vaqueiro de mentira  
Tem Tiago e Daniel  
Todos dois me admiram  
Eu não sei a quem puxou  
Se ao pai ou ao avô  
Se a mim ou a João Lira

Vaqueiro de um lado  
É defeito para alguém  
Admiro Daniel  
Da pouca idade que tem  
Eu não estou censurando  
Mas quero vê-lo puxando  
Do outro lado também

Daniel e o cavalo  
Casou Tomé com Bebé  
É como diz o ditado  
A sopa caiu no mé  
Igual ao tio Severino  
Vaqueiro desde menino  
Até canhoto ele é.

Cuidado na direção  
Se dirigir na estrada  
E olhe bem a cadeira  
No bico de uma calçada  
Tenha muita atenção  
Se tiver na discussão  
Pra não fazer rima errada

**AURIZABEL E O BODE QUE DIZIA SEU NOME**

Minha filha Aurizabel  
É chamada de Belzinha  
Está morando em Natal  
Com as duas filhas sozinha  
De irmão ela era só  
Tem nome das duas vó  
Da mãe da mãe, e da minha

Formada em oftalmologia  
Cuida da vista da gente  
Opera a catarata  
É bastante competente  
Não deixa nada de molho  
Tira cisco em qualquer olho  
E respeita o paciente

Quando pequena gostava  
de usar o meu chapéu  
Falava e falava alto  
Era grande o tendel  
E muito admirava  
Que o cabrito falava  
Seu apelido Bel

Eu estava no roçado  
Ouvi criança gritar  
Pelo nome de papai,  
Era Rejane a chamar  
Vá depressa na calçada  
Belzinha tá enganchada  
Tem que a cadeira serrar

A cabeça não passava  
E não tinha paciência  
Pra puxar por outro lado  
Só gritava por clemência  
A cadeira teve sorte  
Não precisou de serrote  
Só usei a inteligência

## MINHA VIDA DE VAQUEIRO

O vaqueiro acostumado  
A pegar boi e marrar só  
Dentro da mata fechada  
De jurema e mororó  
anda com um facão de lado  
pra não ficar enganchado  
No mufumbo<sup>19</sup> e no cipó

Fiz muito essa aventura  
Ainda hoje estou lembrado  
Pegar boi e amarrar só  
Já faz parte do passado  
Também não conto às vezes  
Junto com os meus fregueses  
Que lá fiquei enganchado.

Eu ficava muito alegre  
Quando estava bem montado  
e a rês procurada  
pendia para o meu lado  
no abismo descia a esmo  
dizia comigo mesmo  
esse já ta pegado

---

19 Arbusto trepador, da família das combretáceas (*Combretum leprosum*), cujas folhas, que encerram saponina, são revestidas de pequenas escamas muito peculiares, e cujas flores são amarelas, dispostas em panículas terminais solitárias, sendo o fruto uma sâmara aveludada, com alas elípticas e transversalmente estriadas

As vezes a luta do mato  
eu começo me lembrar  
e vou fazer alguns versos  
para o tempo matar  
por dentro eu sinto uma magoa  
meus olhos se enchem d'água  
não posso continuar

Eu andava encourado  
ajudava meu vizinho  
aonde a rês corria  
esse era meu caminho  
se o cavalo ajudava  
em qualquer canto eu pegava  
e amarrava sozinho

Eu nunca escolhi lugar  
De serra, buraco ou lama  
Meu serviço era vexado  
No abrir e fechar da rama  
Mas no mufumbo e bonome  
Vaqueiro bom perde o nome  
E às vezes até a fama

Querendo pegar boi no mato.  
Quem não perdia a carreira ?  
Mesmo estando bem montado  
Um cachorro na esteira  
Ninguém venha pabular<sup>20</sup>  
Que não tem onde passar  
numa várzea de quixabeira

---

20 contar grandezas; fanfarronar

Eu tinha guardas para as pernas  
para os braços o gibão  
guarda peito e tinha luva  
para proteger a mão  
bem feito, bem trabalhado  
tudo em couro de veado  
nunca se rasgava não

Hoje eu só estou servindo  
Para dar nó em gravata  
Fechar as portas da casa  
Quando a chave está exata  
Não deixam eu sair sozinho  
Só vou ensinar caminho  
De comprar queijo e nata.

**TIO COSME TROVÃO**

Uma lenda existe  
Lá na fazenda Serrinha  
A mãe quis matar a filha  
Por nome de Aderitinha  
Porque quebrou uma xícara  
A derradeira que tinha

Hoje naquela fazenda  
Não tem a casa que tinha  
Nem tem aquele poeta  
O pai de Aderitinha  
Que do poeta era filha  
Não tem ninguém da família  
Hoje só tem a Serrinha.

E o Serrote do Urubu  
Bem na barranca do rio  
Chamado Bodocongó  
Ora cheio ora vazio  
Depois da curva uma reta  
Ali morava o poeta  
Que de meu pai era tio

Ele andava de muleta  
Pois tinha uma perna só  
Sempre viveu na pobreza  
Satisfeito que nem Jó  
Filho de Inácio Trovão  
Era irmão de Damião  
E de Ritinha, minha avô

**OS FILHOS DE TIO COSME**

Os versos de Cosme Trovão  
Falando que na Serrinha  
A mãe quis matar a filha  
Por nome Aderitinha  
Foi declamada em sextilha  
Sou um membro da família

E mudei para sete linhas  
Eu lembro do tio Cosme  
E alguns versos que ele fez  
Também lembro de seus filhos  
Deltrudes, José e Ordenês  
Lilita e Virgínia também  
Se alguém puxa a alguém

Foi a ele que eu puxei  
A mais nova era Aderitinha  
Cedo esse mundo deixou  
É a que diz aquele verso  
Que uma xícara quebrou  
Mais não foi a derradeira  
Isso foi uma brincadeira  
Que o pai dela inventou

**ALAÍDE E CAMÕES**

Alaíde Cordeiro de Melo  
José Camões Barbosa Pinto  
Minha irmã e meu cunhado  
Saudade dos dois eu sinto  
Pessoas de honestidade  
Essa é a pura verdade  
Juro por Deus que não minto

Manoel o filho mais velho  
Formou-se em medicina  
Foi morar em Serra Branca  
Atendia em toda esquina  
O povo em toda cidade  
Dizia, esse é de verdade  
Um médico da nossa estima

Maria de Fátima a Fafá  
Com Dr. Álvaro a lhe ajudar  
Nos livros que ela faz  
Depois Maria do Carmo  
Por apelido Cacai  
Casou com Carlos Alberto  
Arquiteto mui capaz

Bernadete o quarto filho  
Por Broto todos a tratava  
Com bola mais os irmãos  
No oitão ela jogava  
Era uma guerra medonha  
Lutava sem cerimônia  
Às vezes até ganhava

Francisco de Assis, outro médico  
Virou herói muito novo  
Pela oftalmologia  
Diz sempre: “Eu resolvo”  
Opera, trata bem, implanta  
Chamam até de mão santa  
Isso é dito pelo povo

Depois a vez de Zé Maria  
Buliçoso e traquino  
Mas todos gostavam dele  
Porque era um bom menino  
Enquanto morava aqui  
Mudou-se para Ouricuri  
Aí mudou seu destino

Joana Áurea, psicóloga  
Professora afamada  
Tem dois casais de lindos filhos  
Pra ela não falta nada  
Verônica, fácil se irrita  
Mais nova e também bonita  
É a minha afilhada

Camões ali por Queimadas  
Gozava de grande conceito  
O povo e também políticos  
Lhe tinham muito respeito  
Depois da eleição comentava  
Que os votos dele dava  
Pra eleger dois prefeitos  
Ele era o vice de Dulce  
No dia da eleição

Os dois eram Barbosa  
Não eram parente não  
Muita gente admirava  
Porque os votos de vice dava  
Na prefeita de cambão.

**ARLINDA**

Dos oito filhos de Horácio e Áurea  
Arlinda casou primeiro  
Numa véspera de São João  
Na fazenda do Ligeiro  
Dr. Aluízio e Dona Iaiá  
Os manda chuva de lá  
Serviram de companheiro

A festa foi meio grande  
Muita gente de Campina  
Papai era conhecido  
Tinha amigo em toda esquina  
É certo isso que eu digo  
Também tinha muito amigo  
Dos meninos e das meninas

Atrás de casa, bem perto  
Existia um açude  
Prá ver as moças no banho  
Chamei minha irmã Lourdes  
De cima do balde olhando  
Vendo os casais se beijando  
Me diverti enquanto pude

Daí a uns tempos, de Arlinda,  
Um casal de gêmeos nasceu  
Maria José e José Mário  
Muita alegria nos deu  
Mazé é viva e robusta  
Com a mãe sempre se ajusta  
Porém José Mário morreu

**ADEMÁLIO**

A jararaca pegou  
Ademálio meu irmão  
No terreiro da cozinha  
Foi grande a aflição  
Não surtiu o mesmo efeito  
Mas outra assim desse jeito  
Matou Inácio Trovão

Ademálio foi pegar  
Espigas de milho zarolho  
Pra fazer cuscuz de ralo  
é melhor do que de molho  
Quando ele foi passando  
A cobra estava esperando  
deu o bote e cravou-lo

Leitor eu peço desculpa  
O poeta é meio fraco  
Como se diz no ditado  
Que mija fora do caco  
Feijão da mesma panela  
Carne da mesma tigela  
E farinha do mesmo saco

**ADALBERTO, MEU IRMÃO**

Adalberto meu irmão  
Minha cunhada Idalice  
Ele era um homem de bem  
Ela era uma miss  
A todos os dois, agradava  
Era isso que eu achava  
Não foi ninguém que me disse

Amanheci me lembrando  
Minha cunhada, um tesouro  
Senti muita saudade  
Motivo quase pra choro  
Do jeito que ela dizia  
Quando a alguém repreendia  
Mas é muito desaforo!

Zé Vital filho mais velho  
E depois era Etinha  
O terceiro Horácio Neto  
O quarto Idalícinha  
Áurea Maria e Ana Rita  
Lutando pra mais bonita  
A mais nova Etieninha

Goba tem o nome do pai  
Ado era meu xará  
Acabou-se em um acidente  
Não gosto de me lembrar  
A pessoa que ele era  
A saudade ainda impera  
Minha vontade é chorar

**BERNADETE**

Bernadete minha irmã  
Várias vezes se mudou  
Pra falar em mudança  
A nosso pai ela puxou  
Pois a Jaime a culpa cabe  
Acho que ele não sabe  
Quantas vezes se mudou

Morou em Caruaru  
Mudou-se para o Moxotó  
No açude Poço da Cruz  
Achavam muito melhor  
Tinha barco de pescar  
E também para passear  
Com o único filho só

Morou em Lagoa Grande  
De Petrolina a Recife  
E depois foi pra Bahia  
Fazenda boa ela disse  
Deixou a fazenda pra lá  
Porque não quis mais morar  
Está hoje no Recife

**GENÊS**

Genez nasceu na Malhada  
E lá mesmo se criou  
Depois com a esposa e filhos  
Pra Campina se mudou  
Homem bastante correto  
É um dos primeiros netos  
De quem foi o meu avô

Genez Cordeiro Duarte  
Com Clarice se casou  
Também andava ancorado  
E muito me ajudou  
Eu nunca lhe agradeci  
Foi porque me esqueci  
Mas lhe dou muito valor

Quando eu corria no mato  
Levei muito machucão  
Em lugar que tinha bom nome  
Quixabeira e pinhão  
Onde o vaqueiro se enrascava  
Nem o cavalo passava  
No habitar do canção

**DR. FERNANDO LIRA**

Fernando Mauricio de Lira  
Era um médico verdadeiro  
Meu vizinho no cariri  
Entre os médicos o primeiro  
Nele eu tinha muita crença  
Tratava minha doença  
Eu ajudava seus vaqueiros.

A mata em sua fazenda  
Ainda hoje é fechada  
Fora estaca para a cerca  
Não corta um pau pra nada  
A natureza é bem quista  
é o filho que administra  
Segue na mesma pisada

Doutor Fernando Lira  
Muito eu admirava  
O medico que ele era  
As curas que praticava  
Como tratava as pessoas  
De posição ou à toa  
Aquilo me cativava

Chamando o filho de Joca  
Veio ele apresenta-lo  
Com medo de um tal enduro  
Pedi pra eu ajuda-lo  
A o filho esquecer a moto  
Confiando no meu voto  
A montar em um cavalo

Joca foi se chegando  
Lá em casa todo momento  
Para montar nos cavalos  
E por causa desse evento  
Foi seguindo outra trilha  
Namorou a minha filha  
E chegou ao casamento

Nossa grande amizade  
mudava quase direto  
vizinho de propriedade  
e sempre cortando certo  
passei a sogro do filho  
andando no mesmo trilho  
sou hoje avo de seus netos.

De Joca ninguém mais o chama  
Pois o seu nome é João Lira  
Dois filhos correndo boi  
O jeito a todos admira  
Três mulheres jóias rara  
Daniela e Kiara  
E também dona Jacira

Está havendo um engano  
Não é Jacira é Jaci  
É a chefe da família  
Ninguém ousa discutir  
Sua voz vai adiante  
É uma das elegantes  
Conhecidas por aqui

**BEIJA-FLOR**

Admiro o beija-flor  
O jeito que ele faz  
Fica voando e parado  
Aquilo eu acho demais  
Quando vai se retirar  
É difícil imaginar  
Pra que lado é que ele vai

Muita gente não conhece  
também não viu coisa igual  
um beija-flor beijando flores  
Pra vê que coisa legal  
e se quiser conhecer  
eu tenho o imenso prazer  
venha ver no meu quintal

**MAS O LIVRO NÃO CONTOU**

Horácio casou com Áurea  
Diz o livro e assim é  
Chamaram-na granfina  
Quem chama é porque bem quer  
A grandeza desse nome  
É que ao lado de um grande homem  
Tem que ter grande mulher

Áurea criou oito filhos  
Na base do bem me quer  
Todos foram bem criados  
Porque em Deus tinha fé  
Pra mostrar o seu valor  
Do marido ainda criou  
Filhos de outra mulher

Áurea juntava castanha  
E ajudava a torrar  
Quebrava e tirava a casca  
Ajudava a confeitar  
Os canudos ainda fazia  
Só na feira não vendia  
Por não saber soletrar

Áurea na casa da mãe  
Era da luta pesada  
Varría e espanava tudo  
Não deixava sujo em nada  
Hoje é granfina porque  
Na festa não quis vender  
A castanha confeitada

Coisa que nunca faltou  
Foi sarna e fuxico em Salina  
Mesmo depois do progresso  
Muitos morando em Campina  
Tem alguém que não desiste  
Por isso é que o livro insiste  
Em chamar Áurea granfina

Chamar Áurea de Granfina  
Ela ou ele um dia paga  
Só pode ser um alguém  
Que tem uma grande mágoa  
Pois a filha de Avelina  
Não dá pra ser granfina  
Mas tem neta que é fidalga

Ritinha na Lagoa dos Marcos  
Muito aperreio passou  
Com fuxico e com arenga  
Vicente não agüentou  
Sem ter para onde ir  
O jeito melhor foi partir  
Mas o livro não contou

Vicente Pereira Cordeiro  
Um bravo e trabalhador  
O sogro dele, Inacinho  
Lhe dava muito valor  
Ficou sendo injustiçado  
Só Damião do seu lado  
Mas o livro não contou

Eu sou filho do menino  
Que as esporadas levou  
E depois com pinhão murcho  
Do seu tio se vingou  
Não estou me gloriando  
Estou apenas falando  
No que o livro não contou

O livro Trovão conta  
A história do passado  
Faço parte dessa gente  
Acho que está bem contado  
Isso aí não me atrasa  
Mas tem lugar que puxa a brasa  
Muito mais para o seu lado

**À ESCRITORA DE TROVÃO**

Fátima, reserve um espaço  
A escritora Nordestina  
Natural da Paraíba  
Moradora em Campina  
Que no livro *Trovão* disse  
Que é sobrinha de Idalice  
E bisneta de Avelina

A escritora do *Trovão*  
Tem tudo para eu querer bem  
O sogro é um grande amigo  
A sogra, filha de tio também  
Um casal de avós da mãe dela  
É feijão da mesma panela  
Foram meus avós também

O livro de Maria Alice  
Intitulado *Trovão*  
Fala em meus pais e avós  
Em meu padrinho Damião  
É verdade e não engana  
Eu acho muito bacana  
Essa é minha opinião

A história do *Trovão*  
Quase toda eu conheço  
Contada pelos mais velhos  
Tem coisa que me aborreço  
Não foi contada no livro  
Não é coisa que eu preciso  
Isso muito eu agradeço

Horácio com dezessete anos  
Com o tio ele brigou  
Foi pego à traição  
A pior ele levou  
Pelo que aconteceu  
Ficou triste e só comeu  
No dia em que se vingou

A história da vingança  
Não lembro mais quem falou  
Pode ter sido Roldão  
Sobrinho de meu avô  
Contou tudo direitinho  
Falando até do caminho  
Mas o livro não contou

É certo eu reconheço  
Isso é coisa do passado  
Fala do sobrinho e do tio  
Eu me sinto encabulado  
Pela parte que me toca  
E o piolhos de Maroca  
Fico até envergonhado

A cor da vó e da neta  
Diz o livro que é igual  
De Cláudio e de Antônio  
De Idalice e Redoval  
Branco ou preto não escolho  
Só não aceito os piolhos  
de Maroca no final.

Quem escreveu Trovão  
Acho que é gente boa  
Chamou Áurea de Granfina  
Tem que ser outra pessoa  
Que a isso se destina  
Em chamar Áurea, a granfina  
Com um gesto tão à-toa.

# **TOADAS DE VAQUEJADA**

## Ô MUNDO VELHO ENGANOSO

Ado Cordeiro de Melo

Ô mun-do ve-lho en-ga-noso      to-do cheio de con-fu-são      Mas um ra-paz quer ca-sa-ar

7  
E pro-cu-ra u-na don-ze-la      A mo-re-na cha-ma ne-ga      A bran-ca cha-ma-a-ma-ri-la

13  
A fe-ia não dá pra-zer      Bo-ni-ta rapa-a-ca-ne-la

Refrão { Ô mundo velho enganoso  
 Todo cheio de confusão

Mas um rapaz quer se casar  
 Procura uma donzela  
 A morena chama negra  
 A branca chama amarela  
 A feia não dá prazer  
 Bonita rapa a canela  
 (refrão)

Se anda limpo é granfino  
 Se anda sujo é sebo  
 Se come pouco é tacanho  
 Se come muito é guloso  
 Se apanha é mofino  
 Se mata é criminoso  
 (refrão)

O boi tem força no cangote  
Cavalo tem no espinhaço  
Cachorro a força é no dente  
Que deixa osso em pedaço  
Mulher a força é na língua  
Homem e leão tem no braço  
(refrão)

## A TOADA DO CAVALO TAÚBIM

ADOCORDEIRO DE MELO

1. Já mon- tei mu-i-tan-ca - valo Já cor- ri a- trás do ga- do Já der -ru beimui- to boi Já fui va-quei-ro fi-  
 mado Nun- ca me sai da lem- bran- ça Já fiz mu-i-tas tra-va- gan- ça Ho- je me a-cho- en or tudo

Já montei muito em cavalo  
 Já corri atrás de gado  
 Já derrubei muito boi  
 Já fui vaqueiro afamado  
 Nunca me sai da lembrança  
 Já fiz muita extravagância  
 Hoje me acho encostado

Um cavalo eu não esqueço  
 Não existe coisa tão bela  
 Negociei Taúbim  
 Porém fiquei com a sela  
 Nunca lhe dou abandono  
 E pra dizer que sou dono  
 Homem nenhum monta nela

Eu a conservo guardada  
 Em cima de um tamborete  
 Porque quem mora em cidade  
 Não pode usar cavalete  
 O mofo pode estragar  
 Mas nela eu posso montar

Escorado em um cacete.  
Tanto gosto que eu tinha  
Tanta força que botei  
Para ensinar meu cavalo  
Quanto tempo eu levei  
Hoje não posso montar  
E vejo os outros gozar  
Daquilo que eu pensei.

Correndo em vaquejada  
Às vezes era aplaudido  
Disso eu nunca me esqueço  
Nem posso ser esquecido  
Meus olhos se enchem d'água  
Para esquecer minhas mágoas  
Choro à noite escondido.

Eu não estou nem gostando  
De assistir em corrida  
Meus olhos se enchem d'água  
E a alma fica ferida  
De ver o gado passar  
E Taúbim velho dar  
Tanta carreira perdida

No tempo que ele era meu  
Era de admirar  
A chegada no mourão  
E a gordura sem par  
Toda assistência aplaudia  
Boi corredor não saía  
Para o mocotó não passar

Meu estado de saúde  
Não me permite correr  
Minha doença foi grave  
Faltei pouco pra morrer  
Da queda de um cavalo  
Eu não suporto o abalo  
Nem posso me defender

Tudo que queria eu tinha  
Amigos não me faltavam  
Um me dava um tira-gosto  
Bebia, um outro pagava  
Insistia pra sair,  
pra descansar ou dormir  
Mas ninguém não deixava

## A SECA NO CARIRI

ADO CORDEIRO DE MELO

No ca-ri-ri ch-oveu pou-co Não cri-ou-nas da no chão-ão Não hou-ve lu-cro no mil-ho Nã-guém a-pan-ho-ou fei-jão

9 Não fez ca-pim no cer-cado o Não tem co-mer pa-ra o ga-do Nem sa-fra de al-god-ão ei-boi - ei-boi

No Cariri choveu pouco  
 Não criou nada no chão  
 Não houve lucro de milho  
 Ninguém apanhou feijão  
 Não fez capim no cercado  
 Não tem comer para o gado  
 Nem safra de algodão.

Ei boi, ei boi

Mas seca no Cariri  
 É antiga na história  
 Porém o caririzeiro  
 Nunca esquentar a memória  
 Com sacrifício danado  
 Sai ajeitando o seu gado  
 Ainda conta vitória.

Ei boi, ei boi

Sai queimando a macambira  
E achando alastrado  
Mandacaru e facheiro  
Com o fracasso do roçado  
A gente faz uma queimada  
Com água longe e salgada  
Escapa todo o seu gado.

Ei boi, ei boi

Mas seu cavalo de sela  
Vai todo dia à cocheira  
Comer a ração de milho  
Comprado caro na feira  
Só vive gordo e zelado  
Que é pra dá bofete em gado  
Quando houver brincadeira.

Ei boi, ei boi

A criação de miúça  
É a sua salvação  
Mata um bode ou um carneiro  
Pra misturar ao feijão  
Dorme cedo sem problema  
Porque lá não tem cinema  
Nem usa televisão.

Oi boi, Oi boi

Quatro e meia da manhã  
Ele já está de pé  
Faz ali uma oração  
Porque em Deus tem a fé  
A refeição matinal  
A mulher leva ao curral  
Um bule cheio de café.

Oi boi, Oi boi

Setenta e nove foi ruim  
Oitenta inda foi pior  
Tão falando em cinco anos  
Com dois é de fazer dó  
Se ainda vier mais três  
Só vai ficar mesmo o pó.

Oi boi, Oi boi

Desaba quem não tem nada  
E vai embora quem tem  
Para os estados do Sul  
Pra ver se lá passam bem  
A seca faz a maldade  
Ele de lá tem saudade  
E aqui nunca mais vem.

Oi boi, oi boi

**A CHUVA NO CARIRI**

Chovendo no Cariri  
O trovão faz um tendeu  
O povo com alegria  
Dá graça, tira o chapéu  
A coisa agora mudou  
O tempo ruim acabou  
O inferno virou céu.

No outro dia cedinho  
Dão início a plantação  
Gerimum e melancia  
Milho, fava e feijão  
Depois de plantado, trata  
Planta rama de batata  
E caroço de algodão

As lagoas todas cheias  
Nas baixas, faz atoleiro  
A criação de miúça<sup>21</sup>  
Não vem mais para o terreiro  
O dono torce o bigode  
Logo o cabrito é um bode  
E o borrego um carneiro

As vacas saem da cocheira  
Vão para um resevado  
Todos fazem sempre assim  
Porque são organizados

---

21 Designação dada pelos sertanejos aos gados caprino e ovelhum

O leite agora é de graça  
Porque não se vai mais à praça  
Para comprar concentrado

O São João é animado  
A terra toda esta rica  
Milho assado na fogueira  
Tem pamonha e tem cangica  
Milho verde cozinhado  
Tem gerimum no roçado  
Com fome alí ninguém fica

Na fazenda de vizinho  
Tem sempre uma diversão  
Nos dias de Santo Antônio  
De São Pedro ou São João  
Tem forró e pamonhada  
No outro dia buchada  
E se corre boi de mourão

O gado está quase gordo  
Já esta fechada a rama  
A mosca diminuiu  
E acabou-se a lama  
Se houver a refrega  
Quero ver quem é que pega  
A novilha tira fama

**A SAUDADE DO VAQUEIRO**

Quando eu vou viajando  
Que encontro com um vaqueiro  
Montado em seu cavalo  
Com jeito de ser ligeiro  
Me lembro da mocidade  
Então a velha saudade  
Vem judiar com Cordeiro

Ei boi á, ei

Me lembro dos tabuleiros  
Meu saudoso Cariri  
E do cavalo crioulo  
Pequeno, bom de tinir  
Do porte do nosso gado  
Chifre grande atrofiado  
Gaitando pra gente ouvir

Oi lá, oi

O homem pra ser vaqueiro  
Tem que saber aboiar  
E pegar boi no trançado  
Tirar leite e laçar  
Do seu gado ser escravo  
Botar sela em poldro bravo  
Deixar macio açoitar

Ei boi á, ei

Vaqueiro que é bom vaqueiro  
De todo jeito ele é bamba  
Faz a brocha e o quanzir  
Botar alça na caçamba  
E nunca sente enfado  
De dia campo e gado  
À noite mulher e samba

Oi dá oi boi

Mesmo sem ser açoitado  
Um cavalo me servia  
Bastava ter boa rédea  
Que a gente se entendia  
Pouca saúde canta vantagem  
Mas num cavalo de coragem  
Eu fazia o que queria

Ei boi á, ei

Ai se ainda eu tivesse  
Minha coluna sadia  
Para montar num cavalo  
E fazer o que eu fazia  
Doutor eu lhe considero  
Me cure porque eu quero  
Ser vaqueiro mais um dia.

Ei boi á, ei

Essa dor na coluna  
É só o que me maltrata  
Se não fosse essa malvada  
Vou chamá-la de ingrata  
Corria na capoeira  
Batia até esteira  
E traquejava na mata.

Ei boi á, ei

A minha roupa de couro  
A tempo se acabou  
Emprestei a Antonio Barbosa  
Ele nunca me entregou  
O último foi o chapéu  
Esse aí foi o Miguel  
Achou no fusca e levou

Ei boi á, ei

O gibão era feito de couro  
De veado campineiro  
Os guarda quase uma sola  
De veado capoeiro  
Pra Xiquexique não furar  
E também não se rasgar  
Na jurema e marmeleiro

Ei boi á, ei

Eu ainda estou montando  
Porque em Deus tenho fé  
Que de cima de um cavalo  
Não levou um pontapé  
Mais na luta do vaqueiro  
Quem era Ado Cordeiro  
E vê-lo hoje quem é

Ei boi á, ei

Eu já estou chegando  
No fim do aço eu não nego  
Minha coluna não presta  
Tenho um olho quase cego  
Não querendo me gabar  
Mas se o cavalo ajudar  
Um boi correndo ainda pegado

Ei boi á, ei

Tá velho no fim do aço  
Ainda mostra quem é  
Botando freio num cavalo  
Aos saltos ou pontapé  
Com muito poucas montadas  
Ele pega na estrada  
E vai dizendo quem é.

Ei boi á, ei

Um cavalo acomodado  
Não sendo um papa canhão  
Pegando a cauda de um boi  
Passando a volta na mão  
Estando eu prevenido  
O boi não sendo sabido  
Ainda eu boto no chão

Ei boi á, ei

Ainda sei tirar leite  
Tendo corda ainda laço  
Ainda pego um boi no mato  
Mesmo com muito embaraço  
Sendo de noite ou de dia  
As proezas que eu fazia  
Sendo obrigado, ainda faço

Oi boi, oi

## A TOADA DO CAVALO ABC

ADO CORDEIRO DE MELO

Vo -cê ques-si-o me ou -vindo A ten-ção que rampres-tar Pa-ra-u-vir u-ma to-a-da Qua-gu-ra eu vou can-

10 tar Fa-lan-do por A B C Ca-va-lo bom pra-va-ler Po-rém não sa-be fa-lar Ei boi oi

Vocês que estão me ouvindo  
 Atenção queiram prestar  
 Para ouvir uma toada  
 Que agora eu vou cantar  
 Falando por ABC  
 Cavalo bom pra valer  
 Porém não sabe falar

Ei boi, oi

Adeus amigo Itaju  
 Muita lembrança a Barraco  
 E ao motor da carroça  
 Desta vez eu não embarco  
 Quem fala é ABC  
 Não choro pra o povo ver  
 Pra não dar parte de fraco

Bom amigo Louva-a-Deus  
Lusitano e Delicado  
Muita lembrança a Cativo  
Dê lembrança a Bronzeado  
Qu'eu não sei como me saio  
No parque Treze de maio  
Ficando aqui desterrado

Camarada Louva-a-Deus  
E ao volumoso Chicão  
Adeus velho passarinho  
Que, na cor, é meu irmão  
Colibri e Maracá  
Queiram me recomendar  
A Feitiço e a Tonhão

Dei muita satisfação  
Ao meu Senhor Severino  
Começou eu me montar  
Ainda era menino  
Não limpou mata fechada  
E em pista de vaquejada  
Sempre fui cavalo fino

Esperto ainda sou muito  
Castanho e meio maduro  
Tudo me acham pequeno  
Não sou claro nem escuro  
Eu nunca sinto enfado  
Para dar combate a gado  
Forte, ligeiro e seguro

Faceiro no meu trabalho  
Eu sempre gostei de ser  
Sou manso por natureza  
Mas valente no correr  
E nunca perco o embalo  
E o nome de bom cavalo  
Só perco quando morrer

Gostava de aparecer  
Nas pernas do meu senhor  
Porque quando ele encontrava  
Um garrote corredor  
Sempre saía pegado  
E era considerado  
Garoto derrubador

Hoje eu estou desterrado  
No Rio Grande do Norte  
Não sou mais da Paraíba  
Estou cumprindo a minha sorte  
Eu só não faço uma guerra  
E volto pra minha terra  
Porque não tenho um transporte

Itaju, meu bom pareia  
Teu dono é um falador  
Cuidado se ele encontrar  
Um que pague o teu valor  
Diz a tu, dizia a mim  
Que nunca me dava um fim  
Isto eu chamo um traidor

Já estou me aborrecendo  
Com este garoto malvado  
Põe a espora no pé  
Com seus bicos afiados  
Pra eu ver o que nunca vi  
Nem tão pouco mereci  
O meu corpo ensangüentado

Lamento não ter coragem  
E ter um bom coração  
Pra quando ele me furasse  
Na saída do mourão  
Quando fosse se baixar  
Para na cauda pegar  
Eu avoava-o no chão

Meu senhor, Doutor Geraldo  
É coisa que não lhe rende  
Mas fale com esse garoto  
O senhor me compreende  
Ajeite pra enganá-lo  
E diga que em cavalo  
Dando na barriga ofende

Na hora da despedida  
Meu caro amigo Itaju  
Lembro mais dois companheiros  
E faço um pedido a tu  
No dia que se encontrar  
Queira me recomendar  
A Sarraço e a Xingu

O Bolero de Araruna  
Que em pista não leva vaia  
Quero lhe agradecer  
Quando estive em nossa baia  
Eu levei uma facada  
E ele foi pra vaquejada  
Em meu lugar na ubaia

Para o Mercedes eu olhando  
Manobrando pra sair  
Lembrei dos nossos passeios  
Que eu nunca deixei de ver  
Sem nunca haver atrapalho  
Também nunca dei trabalho  
Pra descer, nem pra subir

Quero fazer um apelo  
Aos cavalos do Nordeste  
Aos que tem preço elevado  
E que tem fama que preste  
Pra saber quem é ligeiro  
E chegar num boi primeiro  
Comigo fazer um teste

Rapidez não me intimida  
Pois pode sair voando  
E quando pisar no chão  
Dele eu vou me encostando  
O qu'ele fizer eu faço  
Se o cabra for bom de braço  
O mocotó vai passando

Severino, meu Senhor  
Desculpe a mim por ser franco  
Cavalo grande é uma jóia  
Cavalo pequeno é fraco  
Mas saiba que lhe ensinei  
Tudo aquilo que eu sei  
A seu famoso Barraco

Tenho que na Paraíba  
Um dia ainda voltar  
Pois gosto de minha terra  
Mesmo sem muito engordar  
Tenho fé na providência  
Dá prazer à assistência  
Que tanto valor me dá

Uma coisa eu ganhei  
Da natureza o dom  
Em gostar de campear  
Do chocalho ouvindo o som  
Sou assim porque Deus quer  
Garanto enquanto puder  
Nunca deixar de ser bom

Vaca, boi, bezerro e touro  
Bicho que pise no chão  
Só saio com ele enrolado  
Nunca me vexo em mourão  
Correndo de rua a unha  
Tenho muita testemunha  
Difícil eu levo um cambão

Xerém que eu como é pouco  
Mesmo achando gostoso  
Talvez que seja por isso  
Não tenho pêlo brilhoso  
Toda vida fui assim  
Deixo farelo e capim  
Porque nunca fui guloso

Zagal, tu tens boniteza  
Muita canela e espinhaço  
Nunca te vexa em mourão  
Faça do jeito qu'eu faço  
Pra ser o mais competente  
Luto por ser independente  
E não perder pra palácio

A toada terminou  
De um cavalo muito esperto  
Cada verso seguindo  
As letras do alfabeto  
São prosas de vaquejada  
De ter muita coisa errada  
Disso aí, eu estou certo.

## A TOADA DOS DOIS IRMÃOS

ADO CORDEIRO DE MELO

Va queiro va-queiro va-queiro va-quejar va-queiro selo ca valo vai ao ma-to campe

ar l. Va-queiro co-mença jo-vem A mon-tar um a-la-zio Vai ao mato campe ar gado seu ou do pa

trão Não pen-sa em ga-nhar di nhei-ro Quan-do tem con vi-c-cão

## REFRÃO

Vaqueiro, vaqueiro  
 Vaqueiro, vaquejar  
 Vaqueiro sela o cavalo  
 Vai ao mato campear

Vaqueiro começa jovem  
 A montar um alazão  
 Vai ao mato campear  
 Gado seu ou do patrão  
 Não pensa em ganhar dinheiro  
 Quando tem convicção  
 (REFRÃO)

Comecei muito criança  
 A campear mais meu irmão  
 Eu montado em um cavalo  
 Pequeninino e valentão  
 Ele montava em Cocada  
 Bom de mato e mourão  
 (REFRÃO)

Quem via achava engraçado  
A astúcia do meu irmão  
Vestia as minhas pernas  
Nas mangas do seu gibão  
Para as matas não me arranhar  
E a ele eu ajudar  
Na luta do campo em ação  
(REFRÃO)

E daí eu fui crescendo  
Sempre junto a meu irmão  
Montando em qualquer cavalo  
Nos dias de apartação  
Gostava muito da lida  
Arriscando até a vida  
Sujeito à queda e cambão  
(REFRÃO)

O gado vinha do campo  
Tangido no matagal  
Aí se dava umas canseiras  
Isso era natural  
Os donos todos ajudavam  
Corriam e logo voltavam  
Novamente ao curral  
(REFRÃO)

Corria no pátio solto  
Em beira de cerca, não  
Todos andavam encourados  
Vestiam guarda e gibão  
Tinham luva e guarda-peito  
Caprichado e bem feito  
Era assim a apartação.  
(REFRÃO)

De dezoito a vinte anos  
Com tempo seco ou de lama  
Pega um boi em todo canto  
Na bem fechada rama  
Vai ficando conhecido  
E começa a criar fama  
(REFRÃO)

Uma rês solta no mato  
Longe das outras a vagar  
O meu irmão em Cocada  
Nunca foi pra não pegar  
Depois ficou preguiçoso  
Me deixou no seu lugar  
(REFRÃO)

Cocada velho acabou-se  
Morreu sem levar cambão  
Aí foi diminuindo  
A fama de meu irmão  
Deixou de correr no mato  
Ficou correndo em mourão  
(REFRÃO)

Depois surgiu Cocadinha  
Correndo com Anelão  
O Anelão era meu  
O outro do meu irmão  
Aí reinou alegria  
Voltamos a correr mourão  
(REFRÃO)

Cocadinha era castanho  
Comprido, grosso e baixinho  
Por a gente era tratado  
Com muito zelo e carinho  
Correndo com Anelão  
Batia esteira sozinho  
(REFRÃO)

Anelão morreu do tétano  
Foi triste o seu resultado  
Cocadinha ainda ficou  
Sendo o terror do gado  
Depois aleijou das mãos  
Findou morrendo afogado  
(REFRÃO)

**A FILHA DO FAZENDEIRO<sup>22</sup>**

Eu ia por um caminho  
Encontrei com três vaqueiros  
Três capotes na garupa  
Três cachorros perdigueiros

Em três cavalos ligeiros  
Pisando em seixo e na lama  
Correndo e trazendo a fama  
Da filha do fazendeiro

Eu vinha de uma corrida  
Que fizera em Boqueirão  
A noite errei o caminho  
O cavalo no caminhão

Fiz a manobra no carro  
Foi uma errada de sorte  
Fui beber água numa casa  
Tinha uma moça de short

A moça era bonita  
Para mim, foi um prazer  
E pra pegar na mão dela  
Bebi água sem querer

---

22 Mesma melodia de O Mundo velho enganoso

A filha do fazendeiro  
Pedi por Nossa Senhora  
Ô Mamãe, deixa eu ir embora  
Na garupa de um vaqueiro

A filha do fazendeiro  
Pedi por Nossa Senhora  
Ô Mamãe, deixa eu ir embora  
Na garupa de um Cordeiro

Na garupa de um Cordeiro,  
Tás doida, filha de peste  
Os Cordeiros são danados  
Não tem um deles que preste



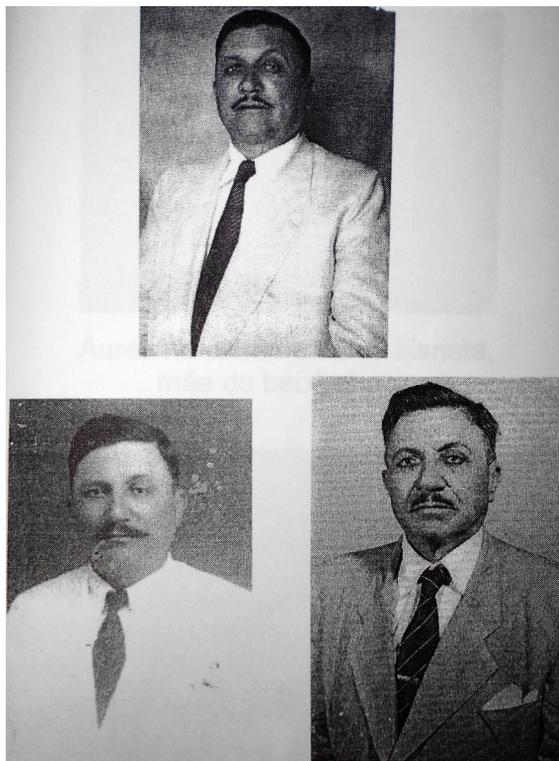
## ANEXOS



Este vestido de Ritinha continha um laço do qual ela não gostava. O filho, Horácio, mandou o fotógrafo tirá-lo para alegrá-la.



Horácio e Áurea



**Horácio em momentos diversos de sua vida**



**Áurea no casamento da bisneta, mãe do bebê abaixo.**



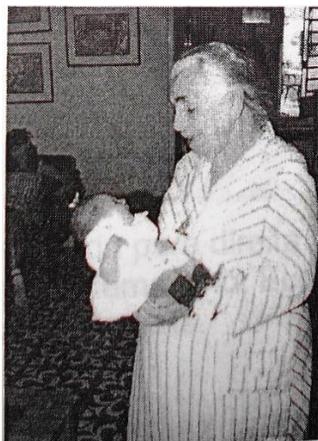
**Áurea pedindo ao neto para segurar o tataraneto**



**Horácio aos 70 anos de idade na fazenda Curimatã  
(Barra de Santana-PB)**



**Adalberto e Idalice**



**Áurea segurando a tataraneta**



**Eunice e Ademálio**



**Da esquerda para a direita – Humberto, Antônio, Ademalinho, Eunice, Ademálio, Marilac e Marlene.**



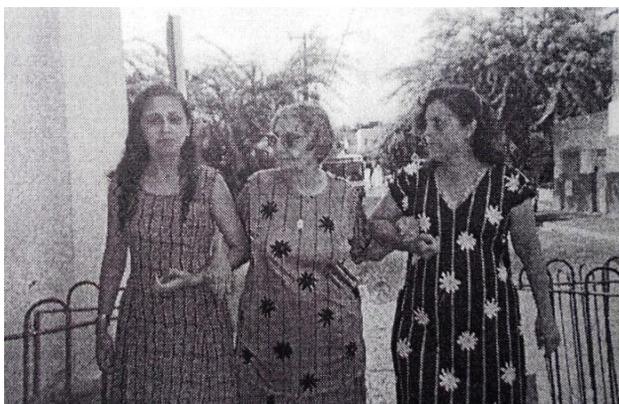
**Ado e Zefinha**



**Filhos, irmãos e cunhados de Ado e Zefinha**



**Alaíde e Arlinda, irmãs de Ado**



**Arlinda no aniversário de 80 anos junto com a neta Salete (à esquerda) e a sobrinha Fátima (à direita).**



Da direita para a esquerda Ado, Lourdes, Ademário (atrás), Alaíde, Arlinda, Manoel Andrade, Emanuel, Armando e Miriam, Salette e Maria José.



Irmãos de Ado e filhas, netos e genro de Arlinda.



**Lourdes, irmã de Ado**



**Lourdes na formatura do filho Raimundo**



**Bernadete, irmã mais nova de Ado, no dia de sua formatura.**



**Jaime e Bernadete**



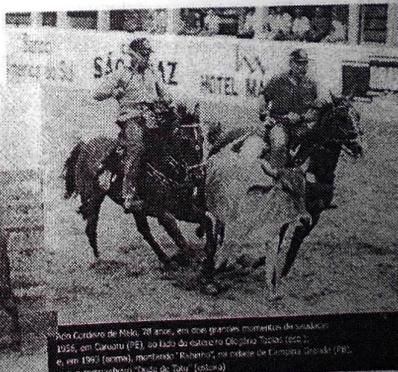
onde estão alojadas cerca de 80 éguas Quarto de Milha. Thiago já participou (de Favela), em geral, no Circuito de Vaquejada da Paraíba, ficando no Parque Maria da Luz, onde ganhou uma vez. Os jovens seguiram a tradição de vaqueiro do avô, Ado Carrilho de Melo, que começou a participar da modalidade na cidade de Tibau do Sul (PE) em 1940: "Corria quando, pai e meu pai não queria nem saber disso", lembra o veterano competidor, de 78 anos, ancorado em sua bengala e muitas histórias. "Nessa época, o campeão ganhava somente uma medalha de ouro". Foi ganhador e primeira em 1948, em Umbuzeiro: "A pista era feita de gerse (o povo se aglomera e formava uma cerca viva). Haviam umas estacas numeradas e quem derrubava o bicho (isto é, perto delas era o campeão), receberia seu Ado, domador, pai de nove filhos, e porta nas horas vagas. "Fazia um verso para cada cavalo que domava. Criava histórias de um cavalo conversando com o outro, denominado ABC, com versos de A a Z". Para provar seu talento, não titubeou e enunciou um verso em homenagem à vitória de seus netos: "Tem vaqueiro de verdade/Tem vaqueiro de mentira/O Thiago e o Daniel, todos os dois me acirram/Eu não sei a quem puxaram/Se foi ao pai ou ao avô/Se foi a mim ou a João Lira..."



De esquerda: Thiago (vaqueiro) e Genal Lima, responsável junto com João Cardozo e Manoel Romey Júnior, também o pai de vários campeões (Bovin) e entraram para história da ABQV.

Sobre os cavalos, o poeta lembra com orgulho de ter domado o Hulk, sem profecia, um Quarto de Milha 15/16 e Gastrani II, que correu nas décadas de 80 a 90. Mas o mais famoso deles, infelizmente o seu Ado, era o "Rabinho", um filho de Príncipe Rolo, sem registro, que ganhou 22 carros. "Quando ele entrava na pista e havia, por exemplo, 20 prêmios, só tinham na malicade 19, pois um já era dele", dizem os vaqueiros da época, lembra o histórico competidor, nascido na Fazenda Castanha, em Quaraná, na Paraíba. Ele agradece muito do que aprendeu na doma de animais quando trabalhou para o engenheiro civil Lauro Barbosa: "Era um homem de pouca conversa, mas muito vaqueiro. Sempre deixava uns livros sobre doma para a gente ler". Contrário à violência no trato dos animais, diz com orgulho: "Quando passou

no Sítio Rural à entrevista com o americano (Mont Roberts, O Encantador de Cavaleiros), eu já sabia tudo que ele mostrou", disse com um sorriso maroto.



João Cardozo de Melo, 28 anos, em dois grandes momentos de sua vida: 1955, em Cavaco (PE), ao lado do vaqueiro Góssio "Tacho" Torres, e, em 1992 (Tereza), montado no cavalo "Tacho" Torres, com o campeão "Onça de Tatu" (Góssio).



Em uma das fotos, Ado entrega aos netos Prêmios recebidos em vaquejadas. Ele próprio recebeu inúmeros

Prêmios em campeonatos de vaquejadas.

## **Sobre o livro**

### **Digitação**

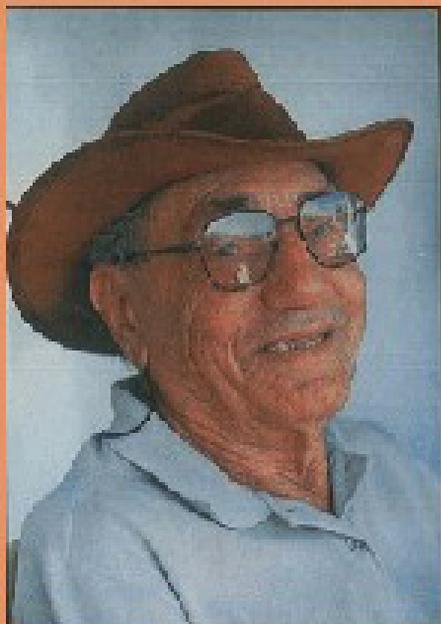
Raquel Barbosa de Mesquita Batista  
Lara Cordeiro de Melo  
Áurea Maria Cordeiro de Melo

### **Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

### **Registros Musicais**

Maria Alix Nobrega Ferreira de Melo  
Bernadete de Lordes Cordeiro Barbosa



*Ado pertence a uma geração de poetas populares paraibanos que deixaram marcado, em sua arte, um amor incondicional pela sua terra e gente.*

